

Brasil terá mais recessão

CRISTINA BORGES

O Brasil vai mergulhar numa recessão econômica muito maior do que a atual. No primeiro trimestre deste ano, o Produto Interno Bruto (PIB) vai desabar, podendo registrar queda de, pelo menos, 2% a 3%. Três meses é o horizonte máximo a que economistas se arriscam para estimar o desempenho da economia brasileira diante das mais altas taxas de juros do planeta, do novo regime cambial que promoveu uma desvalorização do real próxima a 30%, sem ainda ter encontrado a taxa cambial adequada. O aprofundamento da recessão, entretanto, poderá exercer o papel de uma vacina contra a volta da inflação e da reindexação da economia, concordam os economistas.

As taxas de juros não vão cair tão cedo, pelo menos até que o governo consiga ter segurança de que a recessão atingiu um grau que impeça o repasse da desvalorização do real aos preços. Não será preciso muito esforço porque o impacto da desvalori-

zação cambial sobre o salário real será a redução do poder de compra, sem falar no efeito sinistro dos juros altos sobre a atividade econômica, mais o agravante da nova carga tributária sobre as empresas, lembra Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central e diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Numa crítica mais severa, Reinaldo Gonçalves, professor titular de Economia Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, diz que a nova roupagem do modelo econômico vai provocar "uma depressão para ninguém botar defeito". Na sua avaliação, a manutenção dos juros altos é fundamental para atrair capitais externos de curto prazo para equilibrar o balanço de pagamentos.

Com as mudanças feitas no câmbio, acrescenta Gonçalves, o governo gerou uma instabilidade cambial que não existia antes, causando falta de credibilidade na política adotada para o câmbio para os investidores externos. "A expectativa dos investi-

dores internacionais foi abalada pela trapalhada cambial. Os juros altos serão mantidos consistentemente para reduzir o risco cambial desses investidores, que passam a ser compensados com benefícios monetários", afirma ele.

Gonçalves lembra que na crise do sudeste asiático, em outubro de 1997, a menor queda do PIB foi da Coreia (-7%) e a maior, da Indonésia (-14%), sendo que todos os países daquela região encontravam-se ajustados na parte fiscal e com baixa inflação. À exceção da Indonésia, com uma taxa de 12% e submersa numa crise social e política.

O professor da UFRJ prevê que o Brasil vai enfrentar uma crise político-institucional com o agravamento da recessão econômica e as divergências políticas. Reinaldo Gonçalves destaca que a discussão sobre o pacto federativo tem forte poder para aglutinar e amplificar a crise entre os extremos da direita e da esquerda.

"1999, o ano em que vivemos perigosamente", é o título que o ex-minis-

tro João Paulo dos Reis Velloso pede emprestado ao cineasta Peter Weir, que descreveu o golpe político de Suharto na Indonésia. Reis Velloso avalia que os próximos 30 dias serão indicativos para medir os efeitos da desvalorização do real sobre os preços. "Nesse período, será possível saber o comportamento da inflação e então ser definida uma política para os juros", acrescenta o ex-ministro.

Reis Velloso destaca que a taxa de juro alta é vital para combater a inflação, já que reduz a demanda por crédito. As empresas evitam financiar o capital de giro e as pessoas físicas, o crédito ao consumidor. Tais condições agravam a tendência recessiva, afirma. Ele limita suas estimativas sobre o PIB ao primeiro trimestre deste ano e, ainda assim, permite-se apenas a falar em redução da atividade econômica. A expectativa de recuperação da economia a partir de maio próximo, prossegue Reis Velloso, passa a depender da eficácia do combate à inflação, que ele espera que retome um patamar ainda razoável, entre 7% e 10% este ano.